

A VELHA GUARDA

Semanario republicano

Editor, A. Barbosa d'A. Guimarães

Propriedade da Empreza d' A Velha Guarda

Director, Mariano Felgueiras

Preço da assignatura

Anno...	1\$200 réis
Semestre...	600 »
Brazil, anno (moeda forte)...	2\$500 »
Numero avulso...	20 »

(Pagamento adiantado)

Redacção — Rua do Dr. Aveilno Germano, 104.
Administração — Largo de D. Affonso Henriques, 33.

Composto e impresso na Typ. Minerva Vimaranesense
Rua de Payo Galvão—GUIMARÃES

Preço das publicações

Annuncios e communicados por linha...	40 réis
Repetição, por linha...	20 »
Permanentemente, contracto convencional.	
Os snrs. assignantes gosam o desconto de 25 % em todas as suas publicações.	

DIFFERENÇA DE PROCESSOS

Até aqui, no regimen immoral e tão deprimente da monarchia, os governos não se importavam nem precisavam de vêr de perto e com cuidado o que se passava pelo paiz que estava confiado á sua guarda e á sua administração, porisso mesmo que nunca pela idéa lhes passava guarda-lo e administra-lo.

Uma e unica cousa tinham em vista e essa cifrava-se em bem pouco e portanto tambem insignificante trabalho lhes exigia. Era simplesmente zelarem os seus interesses pessoais, de barriga, de gamella e ao mesmo tempo, como condição essencial de vida, os dos caciques que com a sua força de roceiros os sustentavam no poder.

Claro está que, sendo assim, os ministros não precisavam de sahir da capital, os governadores civis, seus representantes nos districtos escusavam tambem de visitar os concelhos sujeitos á sua administração, porque nem uns nem outros tratavam de attender ás necessidades publicas, ou de melhorar as condições precarias da nação.

Tratava-se só e sim de legislar no sentido de que este ou aquelle cacique de maior influencia não se descontentasse porque um caminho de ferro deixasse de passar á porta da sua quinta, ou porque uns sinos novos deixassem de ser offercidos a um regedor mais exigente d'uma freguezia sertaneja.

Para isto não precisavam os nossos dirigentes de se furtarem ao concheiro da sua casa, aos carinhos da sua familia, por pouco tempo que fôsse.

O cacique, quando o julgasse opportuno, lá lhe appareceria a reclamar, — com justiça ou sem ella, isso não importava—o preço dos seus votos, aquillo em que elle reputava o valor dos centenares de escravos que levaria no dia das eleições até á bocca da urna, presos numa cadeia d'elos inquebrantaveis constituida pela ignorancia crassa, pela ausencia absoluta de dignidade civica, criminosa e traiçoeiramente alimentadas por um regimen infame auxiliado por uma seita execranda — a dos jesuitas.

Depois, para que se destacasse aos olhos d'aquelles que ousassem, por um esforço de intelligencia, procurar vêr nos actos da administração publica alguma cousa de utilidade geral e para que não parecessem tão dolorosos os formidandos golpes que na bolsa d'este desgraçado povo era preciso dar para trazer nedios e satisfeitos tantos dos que á custa d'elle comiam, gosavam e enriqueciam, atirava-se-lhes de vez em quando uma lei que, analysada superficialmente, parecia d'um grande alcance social, mas que, na essencia nada valia,

nem que o valesse, d'ella se colheriam resultados porque nunca era posta em execução. Era simplesmente poeira com que se acabava de cegar aquelles que por um esforço de intelligencia queriam vêr alguma cousa, queriam sahir do lethargo de ignorancia em que a Monarchia os afundava.

Agora os tempos mudaram. São outros muito differentes. A Monarchia sumiu-se e surgiu a Republica gloriosa. Esta é do povo e para o povo. Não legisla para caciques, legisla para a nação. Não administra com o unico intuito de ter sempre bem recheada a sua gamella e pela rasão bem comprehensivel de que nem sequer gamella já pode haver. Administra no intuito nobre, elevado, altruista e necessario de que nada falte ao bem estar do povo, á tranquillidade, á segurança, á prosperidade, ao bom nome, á honra da Nação.

E d'ahi provem a necessidade que os governos da Republica e seus representantes teem de vir até ao coração do povo, apalpar as suas desgraças, sentir as suas miserias, vêr as suas faltas, admirar as suas virtudes, os seus sentimentos nobres, avaliar as suas aptidões, as suas faculdades de trabalho, os seus meios de produção, o seu valôr intellectual, a sua grandesa moral.

Porque só depois de terem aquelles a quem o destino da nação está confiado, examinado por si proprios quaes as necessidades, quaes as conveniencias do povo de quem recebem o poder, é que podem legislar, providenciar com mais acerto e com maior efficácia, porque só então conhecem a fundo as faltas que lhes compete supprir.

A esta ordem de idéas deve ter obedecido a visita do ex.º Governador Civil a esta cidade.

O que eu penso

Existe ha muitos annos na minha terra uma associação artistica de socorros mutuos, pela qual tenho, como de resto por todas as suas congéneres, uma grande e antiga consideração.

Pois é d'essa sympathica collectividade, e para complemento do meu anterior artigo, que hoje vou occupar-me.

Um punhado de obscuros mas honestos operarios, no intuito de remediarem convenientemente funestas contingencias, lançou com muito amor os fundamentos d'essa bella obra de providencia, numa época em que o socialismo imprecudente de Leão XIII nem sequer perpassára ainda pela mente do seu avaro instituidor.

D'um aggregado de homogeneos esforços, talvez bem difficilmente postos em pratica, nasceu,

tomou fórma e completou-se uma das instituições, d'entre as muitas que felizmente têmos, que mais carinhos e veneração deve merecer aos vimaranenses.

O seu erario cresceu, cresceu, a ponto de quasi chegar a ser rica a *pobresinha* da aggremação que uma phalange de rudes e desamparados trabalhadores fundára, para combater a miseria certa nos dias sombrios e tristes da velhice inactiva.

No céo plumbeo que até'li cobria ameaçadoramente as encarquilhadas casitas, prestes a desmoronarem-se, d'aquelles que com gloria se abalançaram a realizar uma obra de tão largo alcance social, começaram a apparecer como que magicas phosphorescencias denunciativas de que, mais uns annos volvidos, a pesada penumbra se dissiparia, deixando vêr o puro azul estrellaado que para alem d'ella reinava. E então, uma relativa felicidade viria suavisar, em tempo opportuno, a desgraça a que não escapa quem, por mais previdente que seja, não pôde economisar o necessario para a combater.

Mas... um dia (já lá vão annos e não esquece mal tão grande) sem que ninguem o suspeitasse, o sagrado erario começou a diminuir, a diminuir, a ponto de os *vinte contos de reis*, que em numerario podia ter hoje a associação a que alludo, ficarem reduzidos a uns *dez, ou doze!*...

E' que a velha e odiada politica de campanario destacára para lá, para o seio da florescente associação, os seus mandatarios sem escrúpulos, sem vergonha e sem consciencia, a fim de administrarem a collectividade que bem podia continuar a progredir sob o dominio exclusivo, e unico accetavel, dos que careciam dos beneficios que ella pudesse facultar-lhes.—Que não ha melhor governo, em taes aggremações, do que o exercido pelos que, por propria experiencia, sabem quanto amor deve votar-se á instituição cujo principal objectivo consiste em prestar-lhes socorros em conjunctura difficil.

Arreceia-se o povo, a eterna *creança*, de ingressar até na propria administração dos seus haveres, abandonando o campo á individuos tantissimas vezes repletos de artilosa finura, mas ôccos de honestidade e bom senso.

Não sabe esse povo que uma errada administração por incompetencia, mas fundamentalmente séria, vale bem mais do que uma administração talhada para beneficiar o compadrio, para realizar inconfessaveis propositos, para determinar o rebaixamento dos administrados ao ponto de os obrigar a pedirem descobertos e humilhados o que é seu, o que foi

A IDEIA

IV

Conquista pois sósinho o teu futuro,
Já que os celestes guias te hão deixado,
Sobre uma terra ignota abandonado,
Homem—proscripto rei—mendigo escuro!

Se não tens que esperar do céo (tão puro,
Mas tão cruel!) e o coração magoado
Sentes já de illusões desenganado,
Das illusões do antigo amor perjuro;

Ergue-te, então, na magestade estoica
D'uma vontade solitaria e ativa,
Num esforço supremo de alma heroica!

Faze um templo dos muros da cadeia,
Prendendo a immensidade eterna e viva
No circulo de luz da tua Idea!

Anthero de Quental.

adquirido á custa do seu heroico esforço!

Pobre povo que assim te entregas ao martyrio da escravidão!

Desillude-te e caminha pela estrada ampla e arejada que conduz á emancipação redemptora.

Deixa os meandros onde a traição faz victimas e não mostra a face á luz do sol para não ser punida.

Protestei solemnemente a mim proprio expôr aqui, com toda a sinceridade, o que penso ácerca d'assumptos que interessem á sociedade em geral, e não a este ou áquelle individuo em especial. A imprensa não deve ser, como tem sido na nossa terra, um gramophone de louvaminhas capciosas, que fazem rir, mas rir amargamente, os que amam a verdade e estão decididos a lutar sem treguas pelo seu triumpho.

E no dia em que, já perdida a derradeira illusão, circunstancias imprevistas vierem impôr-me diferente conducta, esta penna quebrar-se-á e nunca mais rabisará, como alguém pretende, sobre assumptos de qualquer natureza que sejam.

Desejaria de todo o meu coração que o povo me lêsse, que se instruisse convenientemente para a lucta da vida. Elle tem sido, principalmente entre nós, uma desgraçada victima dos sem-escrúpulo, dos sem-coração, que não se poupam a esforços para o illudirem e prejudicarem.

No entanto, esse povo podia constituir uma força invencivel. Bastava que o quizesse.

E não o quererá nunca?

Serafim Rodrigues.

VARIANTES

Antes de ser implantada em Portugal a Republica, que libertou a Patria, na memoravel e épica jornada de cinco de outubro, de tudo quanto de mais vil e baixo existia, a Republica e a Monarchia eram dois systems de governo diametralmente oppostos, completamente antagonicos e incompativeis, e porisso republicanos e monarchicos enveredavam tambem por caminhos totalmente differentes. Os primeiros trabalhavam para demolir os alicerces de um regimen condemnado, esforçando-se dia a dia, hora a hora, para levantar bem alto o nome de Portugal; os segundos, com arremettidas quixotescas tentavam conservar um regimen devasso e corrupto, improprio da civilização actual, não guiados por patriotico e ideal sentimento, mas indubitavelmente com o fim unico de que aos seus estomagos não faltasse esse continuo e interminavel regabofe, verdadeiro banquete pantagruelico, que a Monarchia lhes servia.

Mas, entretanto, baqueia a Monarchia e surge luminosa a Republica.

E que vemos fazer estes ultimos?

Ficar fieis em seu posto, sacrificando-se por uma crença de ideal, e firmes e inabalaveis nas suas convicções?

Não, bom povo, nada d'isso observaram os nossos olhos avidos de acções de generosidade, de coragem e de heroismo; assim não aconteceu. Ficaram logo republicanos e adheriram, adheriram aquelles que tanto odiavam os republicanos, que com tanto furor os

combateram, os que com alvaronia d'elles se riam.

* E' isto o que está acontecendo em Portugal.

* Nós não duvidamos das adhesões sinceras d'aquelles em quem o ideal novo se estorcia acorrentado em seus corações pela coacção do superior e do cacique, porque n'esses o sentimento estava retrahido. Eram explorados. São pois justificaveis desabafos d'esta natureza, como justificavel é a alegria que sente a ave ao ver quebradas as grades que a prendiam, que lhe tolhiam a liberdade.

Nós não duvidamos das adhesões sinceras d'aquelles que embora tivessem combatido dentro das fileiras monarchicas com o unico e louvavel intuito de bem servirem a sua Patria, agora venham para nós, animados com o mesmo supremo ideal, — a prosperidade da nação—combater ao nosso lado pelo mesmo fim, juntar os seus esforços aos nossos, visto que nada podem já fazer dentro da monarchia cahida, como numa ingenuidade desculpavel, porque não era fingida, durante mais ou menos tempo, supuseram.

* Mas não são do mesmo modo justificaveis e nem mesmo admissiveis aquellas que veem com sophisma e com manha — a dos caciques—que intencionalmente o fazem na esperança de que ainda mesmo dentro da Republica continuarão sendo os mesmos mandões d'outra ora novamente prompts para ignobeis explorações.

Por isso o cacique adheriu e este phenomeno, ou melhor, esta patetica politica, flagrante prova de ausencia de sentimentos e auctoridade moral e irrefutavel attestado de falta dos menores sentimentos de civismo, deu-se porque elle tem ainda a ancia de continuar a sua acção, para que possa tambem ser agora alguma coisa na Republica para ter ainda a tola vaidade de mandar, dispor e fazer, como petulantemente mandava, dispunha e fazia antes de baquear a irrisoria monarchia. E esta transição brusca é para elle de uma naturalidade indiscutivel que de resto só nos provoca riso, porque nunca tomamos a serio taes individuos.

Eis pois o que o povo ainda ignora e que é preciso que saiba para que tenha força moral para os repellir, para se livrar d'elles para sempre.

Necessario se torna que o cidadão seja, politicamente, um ser livre e autonomo, mas para elle ter a autonomia politica indispensavel e imprescindivelmente necessaria num paiz que se quer levantar completamente limpo e redimido, altivo e glorioso como nos passados tempos e se quer mostrar orgulhoso e civilizado perante as nações do mundo, é preciso que tenha cerebro e que tenha forças para lutar e que reconheça que o cidadão, o povo, emfim, é o lidimo soberano de si mesmo, sendo portanto o soberano da Patria, supremo e grande.

E, tendo o povo de manter invulneravel e de fazer prevalecer sempre a sua auctoridade, necessaria, hoje mais do que nunca, de educar-se, de ser culto, a fim de bem interpretar os principios da sã democracia que em Portugal, embora nova mas firmemente estabelecida, já vae dando inequivocas provas da vitalidade e virilidade de uma raça que o mundo inteiro julgava extinctas.

R.

Ao Povo da minha terra

Tu semelhas, oh Povo, um *Dom-Ninguem* qualquer Vestido de palhaço a rir n'um arraial!
E's um doido jogral que ris, e nem sequer Te passa pela mente o velho Portugal!

Tu és qual arlequim pintado de zarcão,
Que dá saltos-mortaes n'um circo ou praça publica.
Tu nem pensas sequer n'esta fatal Nação
Que precisa do braço augusto da Republica.

Tu és um povo frio, inérme e desprendido
Quando te brada alguem o brado da Verdade!
Em frente da opressão tu quedas-te rendido,
E passas indifrente pela Liberdade!

Eu hei-de-te inculir, oh Povo, oh meu amigo,
O verbo da Justiça, o verbo redemptor,
Para te libertar d'esse brutal castigo,
Para te acompanhar aos Mundos do Amôr!

Depois, has-de ir comigo pela vida em fora
Beijar a nova Vida cheia de purêza!
Vêr os brancos sorrisos d'esta linda Aurora,
Cantar cheio d'ardôr a rubra Marselheza!

Vaes vêr como esse thrôno, o thrôno dos devassos,
Dos truculentos reis, bandidos, flibusteiros,
Com raiva e com fragôr voou em estilhaços
P'la bocca dos canhões dos nobres marinheiros.

Que não se sentam lá o crime e a iniquidade
Nem lambem os seus pés rafeiros palatinos!
Que morreram de vês o odio e a falsidade,
Que se extinguiu emfim o ninho d'assassinos!

Que se sumiu mar fora a raça dos Braganças
Que sugava e calcava a Patria de Camões!
E que esta Patria Amada cheia d'esperanças
Encheu almas de luz, beijou as multidões!

A Patria, agora é nova, oh povo, oh meu irmão,
Esplendida d'amôr a despontar candura!
E' a Patria da justiça, é a Patria-coração,
E' a Patria da Verdade, immensamente pura!

E' preciso que acordes d'esse somno inérte
P'ra que esta nova Luz da infamia te liberte,
E te murmure á alma: — «E's livre! E a Patria Amada,

Inda ha pouco vencida aos pés d'um rei-poltrão,
Levanta-se altaneira á Luz d'essa Alvorada,
Cantando o canto heroico da Revolução!

Gaya, XXVI—XII—CMX.

Delfim de Vimaranes.

Uma obra de misericordia

Vá lá, seu «Commercio de Guimarães». Vá lá duas trêtas, E gabe-se, porque eu costumeo observar, por hygiene moral e boa logica, aquella maxima velhissima e sempre boa: *com burros não lutarás.*

Quando li a sua gazetada procurei na cabeça do jornal (visto o não ter encontrado sob a noticia) o nome da pessoa que a devia ter escripto. Não vi tal nome, feliz ou infelizmente — nem sei... O editor, ao que me dizem, é um piluleiro da rua da Republica, chafariquista a braços com os ratos e a magnesia calcinada, na botica. O director é um rapazola da mesma idade que o outro (por isso moral e intellectualmente irresponsavel), que passa por ser um aficionado e comprador de cavallos caros, muito apreciavel. O que é pouco. Pelo que eu conclui que o auctor (?), tendo ficado por detraz da cortina, era um malandro.

A questão dos jornaes na Sociedade Martins Sarmiento, pelo que vejo, tende a ficar na historia. A direcção (fatalmente a inspiradora da noticia) assim o quer

e eu cresço em applausos, accietando. Ainda que eu deteste, por educação moral e coherencia de principios, o genero sportivo das toiradas (quer ellas sejam á vâra larga, quer sobre o joelho e a lapis, como agora), teremos, sem duvida alguma, toiros... para divertir o burguez. E se a muitos parecer que sete (?) rézes para um só *capinha* é muito bicho, peço-lhes que descansem, porque já tenho dado os ossos ao officio e sei pregar o meu salto á trincheira... quando se faça mister.

E mãos á obra.

O «Commercio» tem, sem hesitação de duvidas, uma certa sympathia pela minha audaciosa pessoa. Outros, antes que eu apparecesse, vieram á arêna mostrar os animaes, batel-os bem na ilharga, pol-os, emfim, em sangue. Eu fui, até, um tanto ou quanto desapiedado, sovando os feridos. Mas o «Commercio», como me viu a setenta leguas e lá sabe, por artes do diabo, que tenho pouco tempo para o attender, não pensou em mais ninguem: abriu os dentes e ladrou para os—que... se estão a rir, a distancia, com

esta historia que féde a estupidez e a sachristia.

Pois seja eu, seja quem nada lhe pediu, a sua victima.

Mas a gazeta dos rapazolas grita que «insultei», «calumniei», «feri!» Oh! ceus! Pois tive eu casualmente, a força necessaria para ferir alguem?!

Agradeço o elogio. Não sei se o «Commercio» sabe que considero excellentemente que me batam, e que eu possa do mesmo modo, espancar o parceiro. E' um prato! Alegro-me! Porque emfim sempre se falla!... Sempre se me escreve o nome. E o «Commercio» sabe que se não chega ao ceu, ou a casa do diabo, sem certo castigo corporal. Lembrese dos santos martyres de Marrocos!...

Não insultei, não senhor. Não insultei e disse, ainda, pouco. Se lhes quizesse dizer tudo ter-lhes-hia chamado imbecis, e mandava agora o «Commercio» na mesma lista.

O que disse, digo e direi, é que os directores da Sociedade Martins Sarmiento não são sequer, creaturas prudentes. Se o fossem, como gerentes de uma instituição de interesses scientificos e litterarios, não tinham obedecido á paixãozinha idiota de cortarem, ao publico, a leitura dos jornaes democraticos.

E chama-lhes o «Commercio» *homens illustres!*... *Illustres* em que? Porque? Bem se vê que o «Commercio» tem no ouvido o *illustrissimo* e o *excellentissimo* dos enveloppes, e subscripta os recibos da assignatura muito a miudo... Ficou-lhe!... E' o velho phenomeno da auditiva...

Se a direcção da Sociedade Martins Sarmiento tivesse vergonha e criterio julgava-se a si propria e em face do que lá existe de respeitavel, considerava-se (porque o é) incompetente para dirigir uma sociedade de letras e de sciencias historicas.

O «Commercio», porem, como só lê o «Raspão», não vê, não pode vêr.

E falla de mim; muito!... Entre outros, o mexerico mulhereiro do *minuete*... O «Commercio», continuo dizendo, vê pouco e vê mal—o que constitue dizer que não vê nada. Bem se comprehende que está alli um dos signatarios dos telegrammas idiotas enviados pelo anniversario do *chefe messianico*. Se o «Commercio» tivesse a cabeça arejada logo presentia, n'essa suggestiva innovação do *minuete*, uma originalidade encantadora, deliciosa, unica—menino!—com a qual o reino do ceu é cá na terra, por pouco dinheiro e para quem o procura. Não tem paladar, esta gazeta velha. Detesta, já, as *ervilhas* de conserva. Pobre mulher...

E ponto, por hoje.

A direcção da Sociedade Martins Sarmiento que, n'um expediente covarde, deixou á responsabilidade de dois rapazolas a serie das idiotices anonymas que o «Commercio» publicou, essa ha-de ouvir para o proximo numero da «Velha Guarda».

Alfredo Guimarães.

P. S. O caso da conferencia não é verdadeiro. A direcção não disse nem deixou de dizer. Evoco o testemunho do meu amigo Abel Cardoso. Elle dirá.

A. G.

Divagando

Beneficencia do Concelho

O dr. Eduardo d'Almeida, illustrado administrador d'este concelho elaborou um plano de beneficencia que acaba de apresentar ao ex.^{mo} Governador Civil do districto a fim de que auctorisar a sua execução, no caso que com elle concorde.

O dr. Eduardo d'Almeida é acima de tudo um bello coração, um sentimental, um emotivo e, assim, viu e sentiu como ninguem a miseria que nos cerca e procurou, com a intelligencia que d'elle faz um dos mais queridos filhos d'esta terra, dar-lhe se não um remedio ao menos um alivio tão grande quanto a estreiteza dos meios de que se pode dispôr, lh'o consentiu.

O seu plano, de que ainda só podemos fazer uma leitura rapida, poderá não agradar por completo aos mais exigentes, aos mais legalistas, aos mais ferrenhos conservadores. A nós merece-nos a maior sympathia e seria com entusiasmo que lhe dariamos o nosso apoio se este para alguma coisa lhe pudesse servir.

Oxalá o seu tão bem pensado trabalho não vá dormir eternamente nas gavetas das secretarias de Braga, onde uma idéa tão falsa e tão deprimente se faz do valôr d'este tão importante e tão laborioso concelho.

Sociedade Martins Sarmiento

Alfredo Guimarães, um rapaz de incontestavel talento que tanto se tem salientado como escriptor distincto, honrou a *Velha Guarda* com um artigo em que com toda a justiça verberava a forma como tem sido orientada a direcção da Sociedade Martins Sarmiento.

Alguem, que se não sabe quem é, vem dizer no *Commercio de Guimarães* que o motivo que originou o bello artigo d'aquelle nosso collaborador foi ter elle pedido á actual direcção da Sociedade a cedencia do salão da sua sede a fim de alli realizar uma conferencia—o *Commercio* a isto accrescenta tres pontos de admiração —e não ter sido attendido.

Não queremos vir defender Alfredo Guimarães porque elle o saberá fazer e bem, se assim o entender. O que queremos é salientar a affirmação do *Commercio* e que é a seguinte: ha um rapaz de merecimento que já foi recebido no Theatro Normal, onde tantos outros e alguns de bem maior valôr do que muitos dos directores da Sociedade teem sido regeitados, que deseja fazer uma conferencia num salão d'uma Sociedade cujo fim deve ser só o de por todos os meios, promover a instrucção do povo, e a direcção d'essa collectividade tem o arrojo de lh'o negar!!! Aqui é que nós pômos os tres pontos de admiração.

Se o artigo de Alfredo Guimarães precisasse de ser justificado nada mais era preciso que a resposta do *Commercio*.

Por ella se vê que é verdade tudo quanto disse Alfredo Guimarães, como afinal todos nós sabiamos já. As portas d'aquella Sociedade estão fechadas para tudo quanto não seja lá uma certa *coterie* de individuos que em determinadas occasiões começam a chamar-se *sabios* uns aos outros e a tecer-se mutuamente grandes e esplendidos elogios.

Ha porem um rapaz que não dispõe de votos nem de contos de reis, que tem a coragem de

dizer verdades e que se não dobra, que se não faz capacho ante os *ídolos* consagrados mas que tem talento, que á custa dos seus proprios esforços tem creado um nome e deseja num salão que é de todos nós porque todos para elle demos o nosso dinheiro, fazer uma conferencia? Rua com elle. As portas da Sociedade não se abrem para gente d'essa.

Naquelle templo não podem entrar profanos. Os deuses que alli se consagram fariam abater aquellas paredes se tal crime, se tal sacrilegio fôsse consentido.

Oh! que falta d'ar, que falta de luz dentro d'aquella casa que todos devemos amar porque ella deve constituir para nós um padrão de gloria! Que necessidade, se não a quizermos ver perdida e pervertida de abrir aquellas janelas, de rasgar aquellas opas, na phrase tão incisiva e tão justa de Alfredo Pimenta na sua ultima conferencia nesta cidade!

Juntas de Parochia

A educação civica do povo estava e ainda está na immensa maioria por fazer.

Isto explica o cahos em que as actuaes juntas de parochia constituídas por individuos intelligentes, bem orientados e conscios dos seus deveres e dos seus direitos foram encontrar os serviços parochiaes de que tomaram posse.

No regimen monarchico, que só de tranquiernas e só para tranquiernas vivia, convinha, era mesmo preciso manter o povo na ignorancia crassa de todos os seus direitos e de todos os seus deveres e, conseguido isto, o que, como é natural, não custava, entregar todos os serviços administrativos nas mãos d'esses ignorantões, havendo sempre o cuidado de, no meio d'elles, metter um mais manhoso e de consciencia mais larga que seria o agente activo de todas as patifarias que para bem do regimen, que *felizmente* nos regia, fossem necessarias.

E assim, na obediencia d'este plano, as juntas de parochia não podiam fugir á regra geral. Havia membros de juntas que nem sequer sabiam o que era uma junta de parochia. Estavam muito longe de fazer uma idéa, por vaga que fosse, do que seria aquillo a que, no entanto, pertenciam.

Não assistiam ás sessões, porque não eram convidados para isso, nem as havia, nem pensavam que fossem precisas. Alguns até se espantam de que lhes peçam contas e responsabilidades.

Havia um fulano, que era sempre o tal manhoso, o tal da consciencia larga, que, como *homem entendido* que era d'aquellas cousas, é que girava lá com aquellos negocios. Os outros membros de nada tinham conhecimento nem sabiam que era obrigação suate-lo, assignavam de cruz quando assim lh'o mandavam e ficavam muito ufanos por julgarem que tinham mettido um grande *figurão*.

E' este o motivo da desordem e dos desvios encontrados. E o que se dá com as juntas de parochia, dá-se egualmente com todas as outras organizações.

D'esta forma parece que, já agora, a ninguém deve merecer uma duvida a seguinte verdade: o regimen deposedo vivia da immoralidade e da ignorancia.

A massa enorme do povo mantinha-se na escuridão, mantinha-se ignorante. E d'ella apenas se tiravam aquellos que, pela elasticidade do seu character, pela ausencia absoluta de escrúpulos, pudessem ser aproveitados nos arranjos de que a monarchia, para seu sustento e para sua ceva, precisava. A esses, mas só a esses, se

ensinava o preciso para que pu dessem dispôr as cousas a geito sem que os outros percebessem, o que, aliás, era facil, porque quem não sabe, não vê.

Educação da Infância

Um dos maiores cuidados que o governo da Republica deve manter se quer que a nação progrida e que o povo portuguez chegue a impôr-se pelas suas rasgadas idéas liberaes e pelo seu civismo tão necessario, tão imprescindivel, é o de olhar com attenção pela forma como é educada a creança portugueza.

Não bastou expulsar os jesuitas porque ficaram por cá outros que se não o são de facto são-no pela sua afinidade de idéas, são-no pelos seus processos semelhantes, porque para elles e por elles continuam a trabalhar.

O governo provisorio assim o comprehende e por isso prohibiu, obedecendo a uma legitima necessidade de defesa propria e de saneamento moral, que os membros das extinctas congregações religiosas, como sejam irmãs de caridade, dorotheas etc., possam exercer, por qualquer pretexto que seja, qualquer profissão que implique ensino ou educação, por mais disfarçadamente que o façam.

E' dever de todo o bom republicano velar por que esta tão acertada determinação do governo seja fielmente cumprida, para que não vejamos amanhã os nossos filhos com a sua intelligencia deturpada, com o seu pensamento apertado na estreita cinta de ferro com que esses agentes dos jesuitas estiolam, embrutecem, definham e matam a fragil e tenra consciencia da creança.

Noutro logar publicamos a parte da lei que regula muito sensatamente o assumpto a que nos estamos referendo e para ella chamamos a attenção de todos os nossos correligionarios sinceros, para que velem pelo seu integral cumprimento.

Mais largamente voltaremos a tratar da educação e do ensino da creança, de que depende essencialmente o futuro e o bom nome de Portugal.

Noticiario

Governador Civil

Na passada segunda-feira veiu a esta cidade em visita official o digno e muito sympathico governador civil d'este districto dr. Manuel Monteiro.

Foi recebido no extremo do concelho pela camara e administrador. Almoçou nas Taipas onde lhe foi feita uma brilhante recepção, visitando o novo estabelecimento de banhos d'aquellas thermas.

Chegou a Guimarães pelo meio dia, tendo sido esperado no Proposto por todas as auctoridades civis e militares, muitas outras individualidades de destaque neste concelho, academia e bastante povo.

Em seguida dirigiu-se a pé para a Camara onde, pelo presidente da mesma lhe foi lida uma allocução que publicaremos, logo que, para isso, tenhamos espaço. Alli recebeu os cumprimentos do Juiz, Delegado, Contador e mais funcionarios judiciaes, officialidade de infantaria 20, Associações, Commissões parochiaes, Comandante dos Bombeiros Voluntarios, Reitor do Lyceu, Sub-delegado de saúde, director da Es-

cola Industrial, Sub-inspector escolar etc., etc.

Visitou depois a Administração do Concelho, Fazenda, Tribunal, Escolas Centraes de instrução primaria, Lyceu, Seminario, Escola Industrial, Asylo de Santa Estephania, Quartel, Hospital da Misericordia, Castello, edificio que pertenceu aos jesuitas, crèche, hospital, asylo e collegio de S. Francisco, collegio e asylo do Camdo da Feira, Sociedade Martins Sarmiento e Associação dos Bombeiros Voluntarios.

Em todas estas visitas foi acompanhado pelo Administrador do Concelho e Camara Municipal, tendo sido recebido em todas as repartições, estabelecimentos de ensino, instituições de beneficencia por quem nellas superintende e na antiga sede dos jesuitas expulsos pelo seu depositario snr. Dr. Antonio Bastos, tendo sido todos d'uma extrema gentileza para com o illustre visitante que tudo viu e examinou com attenção tendo palavras eloquentes e devéras captivantes para quem por forma tão amavel e deferente o recebia.

Pelas 7 horas da tarde foi-lhe servido um banquete no Hotel do Toural, de 70 talheres que decorreu sempre muito animado tendo sido levantados diversos brindes alguns extremamente brilhantes e entusiasticos. Entre outros lembra-nos que usaram da palavra os seguintes cavalheiros: Teixeira d'Abreu, presidente da Camara, Coronel Freitas de Barros, Tenente Luiz Garcia, Dr. Pedro Guimarães, presidente da Sociedade Martins Sarmiento, João Gualdino, presidente da Associação Commercial, Conego José Maria Gomes, A. L. de Carvalho, Dr. Abel Gonçalves, Dr. Antonio Vieira d'Andrade, Dr. Eduardo d'Almeida, Dr. Miguel Tobim, delegado do Procurador da Republica e Governador Civil que brindou, por vezes, proferindo sempre notaveis discursos.

Ao banquete que terminou depois da meia noite, hora a que o snr. governador civil retirou para Braga, de certo com as melhores impressões, assistiram alem de bastantes cavalheiros de Braga, de que não pudemos obter os nomes, os seguintes cidadãos:

Antonio Madureira, Thomaz Pereira, Antonio Justino Ferreira, Dr. Eduardo d'Almeida, Manoel de Freitas Aguiar, José Pinto Teixeira d'Abreu, Mariano da Rocha Felgueiras, Conego Antonio da Silva Ribeiro, Padre Anselmo da Conceição e Silva, Bernardino Jordão, Dr. Antonio Vieira d'Andrade, Dr. Augusto Alfredo de Mattos Chaves, Dr. Abel Gonçalves, Dr. Armindo de Freitas Ribeiro de Faria, de Vizella, Rodrigo José Leite Dias, José de Freitas Costa Soares, Coronel de Freitas Barros, Dr. Moura Machado, Dr. Manoel Antonio Pinto de Rezende, Juiz de Direito, Dr. Rodrigo de Freitas Araujo Portugal, Antonio de Freitas Ribeiro, Dr. José d'Oliveira Bastos, Tenente Luiz Garcia, João Gualdino Pereira, presidente da Associação Commercial, Agostinho Fernandes da Rocha, Antonio José Peixoto da Costa, Conego José Maria Gomes, Dr. Pedro Guimarães, Francisco Eduardo de Campos Beltrão, Dr. Miguel Tobin de Sequeira Braga, Manoel Ferreira Guimarães, João Lindozo, Capitão Novaes Teixeira, Mario Vieira, João Abreu, pela Comissão de Melhoramentos na Penha, A. Lopes de Carvalho, José Mendes Ribeiro Guimarães, E. Almeida, presidente da direcção da Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães, Conego Aarão Pereira da Silva, Domingos Pereira

Pinto de Sousa Lobo, escrivão de Fazenda, Julio Antonio Cardoso, José Luiz de Pina, reitor do Lyceu, Dr. Gonçalo Manoel Sampaio de Bourbon, José Maria Gomes Alves, Manoel Caetano Martins e Constantino Santoalha.

O Dr. Manoel Monteiro prometeu voltar a Guimarães e não deve faltar a essa promessa se quizer radicar a idéa que já deve ter de qual a extrema importancia d'este concelho.

Sua ex.^a se muito viu, durante as poucas horas que aqui esteve, que lhe deve ter feito sentir quanto vale esta cidade e este povo, muito mais tem ainda que vê se quizer avaliar bem até que ponto chega o valôr do cerebro e do coração do povo de Guimarães.

Jesuitada

Chamamos a attenção de todo o povo que nos lê para os seguintes artigos do decreto do governo da Republica, publicado em 1 de janeiro corrente:

Art.º 40.—Os membros das associações religiosas a que se refere o artigo 6.º e seus paragraphos do decreto de 8 de outubro de 1910 e que foram autorizados a viver em Portugal em vida secular, não poderão exercer o ensino ou intervir na educação, quer como professores ou empregados, quer como directores ou administradores de quaesquer institutos ou estabelecimentos de ensino, seja directamente, seja por interposta pessoa.

Art.º 41.—Os individuos mencionados no artigo anterior só poderão ser empregados em estabelecimentos de saúde, hygiene, piedade e beneficencia, ou noutros de natureza analogia, em numero não excedente a tres, e mediante auctorisação do governo, especial para cada estabelecimento, e que será permanentemente affixada numa das suas salas accessiveis ao publico.

Art.º 42.—Fica prohibido aos individuos mencionados nos artigos antecedentes o uso de qualquer habito talar, devendo ser presos pelas autoridades e podendo sê-lo por toda a pessoa do povo, em flagrante delicto, os que infringirem as disposições d'este artigo.

Art.º 43.—Os contraventores das prohibições constantes dos artigos antecedentes serão punidos com a pena de desobediencia qualificada, e o estabelecimento respectivo poderá ser immediatamente encerrado por ordem da auctoridade publica, sem prejuizo da responsabilidade dos seus dirigentes como co-auctores da desobediencia.

Os membros de que trata o artigo 6.º e seus paragraphos do decreto de 8 de outubro, são todos aquellos que tenham pertencido a qualquer companhia, congregação, convento, collegio, associação, missão ou outra casa de religiosos pertencentes a ordens regulares.

Joaquim de Menezes

Procurou-nos este nosso amigo para nos afirmar que está assignada com o seu nome a proposta para socio do Centro Republicano de Guimarães, tendo-no-lá mostrado.

Observando-lhe nós que no livro do registo de socios d'aquella collectividade o seu nome não figura mas sim em seu logar o pseudonymo J. M. Franco e que com este lhe eram passados os recibos das quotas, respondeu-nos que era isso devido, talvez a ter

recomendado ao socio proponente, a quem eram apresentados os referidos recibos, que o seu nome não fosse publicado por razões d'ordem muito intima e não porque tivesse receio que o publico soubesse quaes as suas idéas que se não escondia de manifestar.

Fazemos esta declaração a pedido d'aquelle nosso amigo por quem temos a maior estima.

Conferencia

Consta-nos que virá a esta cidade no proximo domingo fazer uma conferencia de propaganda republicana o conhecido jornalista Alexandre de Barros.

E' provavel que a conferencia se realice no edificio da Camara.

Alfredo Guimarães

O artigo que hoje publicamos d'este nosso presado correligionario foi recebido já quando este numero entrava na machina, depois de escripto o que na secção *Divagando* vai sob o titulo Sociedade Martins Sarmiento, e é de inteira responsabilidade do seu auctor.

A idéa do artigo perfilha-mo-la em absoluto, embora não se coadune muito com o nosso modo de vêr sobre discussões jornalisticas a linguagem violenta empregada por aquelle nosso amigo.

Isto não quer dizer, porem, que a *Velha Guarda* não continue, incondicionalmente, ao dispôr de Alfredo Guimarães para tratar como melhor entender de qualquer assumpto que deseje.

Com a sua collaboração se dará sempre a *Velha Guarda* por honrada.

Fallecimentos

Em Prado, falleceu o snr. José Joaquim de Queiroz, conceituado negociante d'aquella localidade e pae do snr. Manoel Joaquim de Queiroz, activo negociante d'esta cidade.

Tambem falleceu em Vermoim, concelho de Famalicão, o snr. Manoel Gomes dos Santos Portella, cunhado do snr. Augusto Mendes da Cunha.

A's familias enlutadas a expressão muito sincera do nosso pesar.

GALDAS DAS TAIPAS

Passa-se o CAFÉ ORIENTE, com todos os seus utensilios, bebidas, etc.

Fallar com o seu proprietario Manoel José da Silva Piairo.

CHAPELARIA

E
GRAVATARIA DA MODA
DE

Manuel C. Martins

Praça D. Affonso Henriques, Guimarães.

Grande sortido de chapéus e bonets para homem e creança. **Artigos Militares.** Gravatas escolhidas; sempre novidade. Botões para punhos e collarinhos. Postaes illustrados etc., etc. Concereta-se toda a qualidade de chapéus.

Elucidario do Commerciantes

Coordenado pelo Dr. **EDMUNDO GORJÃO**
(Advogado)

Util e necessario a todo o commercio em geral—Grande economia de tempo e dinheiro

Pelo simplez exame deste livro, que contém todas as disposições dos Codigos Commercial e do Processo Commercial, com formulas para todos os actos que seja preciso praticar e as principaes disposições referentes ao commercio, se conhece a grande vantagem que todos os senhores

Basta um simplez requerimento para demandar um devedor, que se copie deste livro, para o senhor commerciante embolsar mais do que os 500 reis do seu custo.

Os pedidos devem ser dirigidos para a Rua de S. Lazaro, 151 e 153, Lisboa.

FERNANDO DE VASCONCELLOS

ACABA DE SER PUBLICADO O

PROJECTO DE LEI

SOBRE

Organização administrativa e analfabetismo

Extincção das administrações do concelho—Maneira pratica e facil de obter immediatos recursos, para o augmento de vencimentos aos professores de instrucção primaria e para a creação de duas missões annuaes de escolas moveis, em todos os concelhos do paiz. Organização das secretarias dos circulos escolares.—Augmento de vencimento aos secretarios e amanuenses das Camaras municipaes.

Sellos usados

Vendem-se e trocam-se sellos postaes do reinado de D. Manuel II, de todas as taxas, exceptuando de 2 1/2, 5, 10 e 25 réis.

Sellos fiscaes tambem se trocam pelos postaes, devendo todos ser em perfeito estado de conservação.

Fazer remessas em carta fechada á Papelaria e Typographia Minerva Vimaranesense—Rua de Payo Galvão.

Drogaria Moderna

DE

Fernandes Guimarães & Irmão

78, Rua da Republica, 30

(ANTIGA RUA DA RAINHA)

GUIMARÃES

Estabelecimento de vidraria e ceriaria, oleos, tintas, vernizes, vidros, ceras em vellas e muitos outros artigos pertencentes ao mesmo ramo.

SALGADO

Rua 31 de Janeiro—GUIMARAES

DEPOSITO DE LUVAS DE PELLICA

Luvras de pellica brancas, pretas e em todas as côres, para senhora. Luvras de pellica brancas, pretas e em todas as côres, para homem. Ditas brancas, pretas e em côres, para creança. Luvras d'algodão, escocia e em seda para senhora, creança e homem, em branco, pretas e em côres. Luvras d'agasalho para homem, senhora e creança, em todas as côres.

ANTIGA CASA VIEIRA

—DE—

José Gonçalves Barroso

Toural, 45—2, Rua de S. Paio, 8

Guimarães

Completo sortido em artigos de mercearia; especialidade em chá e café. Vinhos finos e bebidas, tabacos, bolacha e o acreditado biscoito das Lages.

Premios aos consumidores de chá e café

RECLAME

Esta casa offerece 6 lindos premios aos consumidores de chá e café, distribuindo 1:300 senhas numeradas, cabendo os 6 premios a 6 dos consumidores que mais senhas colleccionarem. Cada cliente que compre 500 grammas de café especial por 340 reis, 500 grammas de café superior por 400 reis, 100 grammas de chá por 200 reis, 100 grammas por 240 reis, 100 grammas por 280 reis, 100 grammas por 340 reis, de cada fracção receberá uma senha que o habilita aos seguintes premios:

- 1.º—Uma linda bandeja majolica de 0,50 x 0,32
- 2.º—Um candieiro de mesa com abatjour
- 3.º—Um candieiro de mesa com abatjour
- 4.º—Um candieiro de mesa com abatjour
- 5.º—Um candieiro de mesa com abatjour
- 6.º—Um candieiro de mesa com abatjour

Além dos premios acima, distribue aos pequenos consumidores de chá e café o seguinte:

Cada cliente que compre 80 reis de café especial, 90 reis de café superior, 60, 70, 80, 100 reis de chá, de cada fracção recebe uma senha que lhe dá direito a uma linda chavena com pires, de porcelana, depois de ter colleccionado 30 senhas.

ATENÇÃO

Distribuidas as 1:300 senhas para os primeiros brindes, esta casa procederá á distribuição dos 6 premios; procedendo em seguida a nova distribuição de senhas para novos premios que exporá aos seus clientes, em tempo opportuno.

Mercearia Traz de S. Paio

DE

Avelino de Faria Guimarães

43, Rua Dr. Avelino Germano, 45

(Antiga Rua de S. Paio)

GUIMARÃES

Especialidade em chá e café, bacalhau, arroz, assucar, azeite, vinhos finos engarrados e em barril, bebidas nacionaes e estrangeiras. Manteigas, doces e bolachas nacionaes e estrangeiras, conservas de Espinho, massas alimenticias, artigos de papelaria, e muitos outros artigos concernentes a este ramo.

Catalogo theatral

Designando titulos, generos, actos, numero de personagens (homens e senhoras) e preços de todo o repertorio antigo e moderno até hoje publicado: comedias,

dramas, operetas, monologos, cançonetas, etc., etc. Um interessante volume de 40 paginas dedicado aos amadores dramaticos. Remette-se pelo correio a quem enviar uma estampilha de 25 réis á **Livraria Bordalo**, rua da Victoria, 42—Lisboa.

Casa Havanesa

Largo do Toural, 42, 43 e 44

Bernardino Ferreira Cardoso & Sobrinho

Deposito de tabacos nacionaes e estrangeiros, papel sellado, letras, sellos, phosphoros e objectos de escriptorio.

Deposito da deliciosa manteiga de Rande.

A PRIMAVERA

Estabelecimento de fazendas brancas e miudezas

—DE—

OLIVEIRA & IRMÃO

Grande e variado sortido de artigos para a presente estação por preços limitadissimos.

Visitem todos a casa **Primavera** junto á igreja de S. Pedro—Guimarães.

A VELHA GUARDA

Semanario Republicano

Ao Cidadão